



PERCURSOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS SOBRE ATIVISMO DE/POR HASHTAGS NO BRASIL¹

LEFOL, Isabela, mestranda, Universidade Federal de Goiás²

MEDEIROS, Magno, doutor, Universidade Federal de Goiás³

Resumo: O presente trabalho tem como finalidade realizar um levantamento preliminar sobre o Estado da Arte dos estudos que abordam a temática do ativismo de hashtag no Brasil, por meio da revisão narrativa da literatura. O objetivo principal é traçar um amplo panorama sobre o tema, ainda que o termo específico não seja comumente utilizado por pesquisadores brasileiros. Assim, ao analisar os diferentes caminhos metodológicos, referenciais teóricos e conclusões foi possível identificar os pontos convergentes, as lacunas de conhecimento e quais aspectos carecem de mais pesquisas. Foram analisados 44 estudos, entre teses, dissertações, artigos e trabalhos em eventos, no período entre 2012 e 2020, dando maior ênfase à área de conhecimento da Comunicação. Observou-se que, ainda que haja uma multiplicidade de áreas que abordam o tema, a temática da construção de narrativas, discursos e identidades pessoais é recorrente. Além disso, revelou aspectos contraditórios deste tipo de movimento conectado pelas mídias digitais, podendo por um lado ser uma forma de participação da população no meio democrático ou por outro, uma forma de alienação e ainda, de potencialização de extremismos, revelando e ajudando a compreender diferentes crises da atualidade.

Palavras-chave: mídia digital; ativismo; hashtag; movimentos em rede.

Introdução

A pesquisa sobre movimentos sociais na era digital tem crescido no Brasil, especialmente nos últimos anos. Os termos para se referir a esse tipo de estudo são variados, podendo ser encontrados como Ativismo Digital, Ciberativismo, Net-Ativismo, entre outros. Entretanto, há uma modalidade que ainda pode ser mais explorada por pesquisadores brasileiros, o ativismo de/por hashtags. O termo *hashtag activism* foi criado a partir da percepção de vários movimentos ativistas que passaram a utilizar os recursos da hashtag, em diferentes redes sociais e até fora delas.

¹ Trabalho apresentado no **GT História da Mídia Digital** do 5º Encontro Regional de História da Mídia – 5º Alcar Centro-Oeste.

² Mestranda em Comunicação, Cidadania e Cultura pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil, e-mail: isabelalefol@gmail.com. Apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

³ Professor Titular da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás; pesquisador e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos, ambos da UFG. E-mail: magno@ufg.br.



Segundo Yang (2016), ativismo de hashtag pode ser definido como um “[...] protesto discursivo nas redes sociais unido por meio de uma palavra, frase ou frase com hashtag” (YANG, 2016, p. 13). Ainda, há variações como o feminismo de hashtag, que é utilizado especificamente para movimentos de cunho feminista, que ganharam uma atenção específica por utilizarem cada vez mais o recurso. Contudo, mesmo que os estudos não estejam sistematizados em torno do conceito específico, é possível encontrar diversos trabalhos que abordam o tema.

Estudar o ativismo de hashtag é importante para compreender mais aspectos da cibercultura, especialmente em relação aos movimentos que nascem e se multiplicam nas mídias digitais e as crises desta época. Essas manifestações são uma tendência global, ocorrem em contextos diversos, mas ainda assim possuem características semelhantes, que revelam como as mídias digitais impactam na organização das sociedades e os sintomas das crises que elas enfrentam (CASTELLS, 2017).

Na atualidade, a crise de legitimidade do sistema político e a capacidade de comunicação autônoma são dois fatores contextuais que parecem estar presentes nos mais diversos movimentos em rede que ganham força no mundo todo (CASTELLS, 2017). Assim, o ativismo de hashtag é um fenômeno que faz parte desta nova realidade e revela diferentes aspectos dos desafios atuais.

Ao nomear os movimentos com uma hashtag, os ativistas reúnem uma quantidade enorme de relatos e informações sob uma única palavra (exemplo, #15M). Criam uma “tag de ordem” comum, pois vai ganhar significado a partir do aluvião de tweets, postagens e publicações feitos pela multidão conectada. Embora sejam todos singulares, eles levam uma assinatura única (a hashtag), permitindo ao acontecimento sair debaixo do espaço público das ruas para se colocar sobre o espaço público da atenção midiática. [...] Os movimentos baseados em hashtags geram a partir dos dados construídos coletivamente uma ação política no seio do monitoramento da Web 2.0. Esta ação revela os padrões de organização da produção e do consumo, ao demonstrar ou criar situações, atos, casos, testemunhos, relatos e denúncias corroedores da reputação e da imagem das corporações. É uma apropriação para si do metadado, uma espécie de torrent da resistência, cujo arquivo final gera uma outra realidade ou consciência, dissociada do modo capitalístico do vigilantismo em vigor. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 232-233).

Dessa forma, a hashtag que surgiu como uma forma de indexar arquivos, diante da nova realidade ganha novas funções e apropriações, especialmente com os novos movimentos ativistas. Mais que um simples recurso, o uso recorrente das hashtags revela as formas táticas e estratégicas que os ativistas se organizam em rede. É o novo formato da resistência, do



pensamento livre, da ação participativa da população e exatamente por isto deve ser cada vez mais analisado e compreendido.

Neste artigo, realizamos a construção do Estado da Arte sobre o tema, por meio de uma revisão narrativa da literatura para reconstruir a história do tema no Brasil. Foram analisadas 44 produções acadêmicas que de alguma forma tangenciam o tema, de diferentes áreas. O período das produções analisadas vai desde 2012, ano dos estudos mais antigos localizados, até o ano de 2020. Entre teses, dissertações e artigos o objetivo central é traçar um amplo panorama sobre a temática produzida no Brasil, ainda que os termos “hashtag de/por ativismo” ainda não sejam comumente utilizados por pesquisadores brasileiros. Com base nas análises, traçaremos caminhos para explorar em futuras pesquisas, considerando as lacunas de conhecimento e os possíveis aspectos que carecem de outras visões e abordagens.

A Revisão Narrativa da Literatura

O objetivo da construção deste Estado da Arte não é responder uma pergunta específica, e sim olhar sob uma perspectiva mais ampla o que está sendo produzido no Brasil que pode se relacionar com a temática no ativismo de hashtag. Assim, as revisões narrativas “são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o ‘estado da arte’ de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou conceitual.” (ROTHER, 2007, p. 1). Além disso, para a construção da revisão narrativa, não é necessário haver um protocolo rígido (CORDEIRO, 2007).

Como o ativismo de hashtag é explorado por diversas áreas do conhecimento, na maioria das vezes sem que haja sequer o uso do termo, a revisão narrativa se mostra o caminho mais produtivo para compreender os caminhos apontados pelos estudos brasileiros. A falta de critérios rígidos, contudo, não significa que todo o material analisado seja colhido de forma arbitrária e enviesada, mas sim permite explorar de forma mais ampla as produções acadêmicas e assim conseguir traçar um bom panorama. O caráter é bibliográfico, sendo necessário recorrer a diferentes repositórios e publicações. Como o foco inicial é na área de Comunicação, também buscou-se produções em associações específicas da Comunicação,



sem, contudo, excluir estudos de outras áreas que pudessem contribuir ao entendimento do tema.

Assim, a revisão narrativa também não busca trazer conclusões definitivas e sim provocar mais reflexões. Ademais, observar o conjunto de estudos permite evidenciar quais são os aspectos que carecem de maior atenção, indicando o caminho de estudos futuros. Como apontam Vosgerau e Romanowsk (2014), há uma multiplicidade de recursos e técnicas para realizar as análises deste tipo. O que mais importa ao pesquisador não é seguir um passo a passo estrito, mas sim ser capaz de mapear “principalmente servindo ao pesquisador como uma referência para a justificativa lacuna que a investigação que se pretende realizar poderá preencher” (VOSGERAU; ROMANOWSK, 2014, p. 173).

A construção do Estado da Arte

Para a construção do Estado da Arte, em um primeiro momento buscamos as produções acadêmicas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Os termos específicos “ativismo de/por hashtag” não retornaram nenhum resultado, porém quando se pesquisa por “hashtag” é possível filtrar as produções acadêmicas que de alguma forma tangenciam o assunto. Assim, pesquisar pelo termo “hashtag” e depois analisar quais trabalhos se relacionam de alguma forma com algum movimento ativista se mostrou a melhor alternativa.

Em ambos os repositórios, a área da Comunicação é a que possui uma produção mais expressiva, mas há trabalhos nas áreas de Letras, Administração, Ciência da Computação, Antropologia, Sociologia. Apesar do viés da Comunicação ser o que mais interessa a este trabalho, como foi constatado que a produção sobre o tema ainda não é sistematizada, acreditamos que a contribuição de outras áreas neste momento é pertinente.

A segunda fase da coleta de dados explorou bases como o Portcom (do Intercom), o Portal de Periódicos da Capes e o Google Acadêmico. Nos dois primeiros, encontramos resultados relevantes após pesquisar por ‘hashtag’, encontrando 7 trabalhos em cada. No Google Acadêmico, excluindo os resultados repetidos ou que não exploram o termo a fundo, chegamos a 4 trabalhos, sendo dois deles monografias, que não foram consideradas para as



análises teóricas. A título de comparação, quando pesquisamos pelo termo em inglês “hashtag activism”, o Google Acadêmico retorna cerca de 2.410 resultados que possuem o termo específico. Estes resultados mostram como o tema já é intensivamente explorado no exterior, mas ainda possui uma produção incipiente no Brasil. A tabela abaixo mostra as produções selecionadas com maior proximidade com o tópico:

Quadro 1 - Quantitativo das produções analisadas por modalidade

Modalidade	Quantitativo
Dissertações	23
Artigos	9
Trabalho em Evento	7
Teses	5
Total	44

Fonte: elaborada pelos autores

Temáticas exploradas

Muitas temáticas diretamente ligadas a política são exploradas, especialmente desde os acontecimentos de junho de 2013. Souza (2014) por exemplo, analisa a hashtag #VemPraRua no Twitter, com o objetivo de explorar como os cidadãos comuns tornam-se ativos no processo de narração dos fatos sociais e assim entender melhor como estratégias de replicação e compartilhamento disputam sentidos estabelecidos pelas mídias tradicionais. Oliveira (2018) analisa a midiatização e a espetacularização do processo de impeachment pela circulação da hashtag #ImpeachmentDay, além de outros trabalhos que também pesquisam sobre hashtags ligadas aos eventos de junho de 2013, a presidenta Dilma e o impeachment (MEDEIROS, 2016; FONSECA, 2017; GOMES, 2019; BULOW; DIAS, 2019; MENDONÇA; 2019).

A temática do feminismo também é recorrente. Ribeiro (2019) analisa diversos enfrentamentos feministas por meio de hashtags, buscando compreender como acontecimentos cotidianos geram mobilizações nas redes sociais online e acabam ganhando o espaço presencial e a grande mídia. De forma semelhante, Pagel (2020) analisa as redes



feministas e diversos movimentos que insurgiram nas redes sociais, utilizando como base postagens hashtags de cunho feminista como #ChegadeFiuFiu, #PrimeiroAssedio e #EleNão. Outras pesquisas o debate sobre o aborto com hashtags como #LibertadParaBelem, #LegalizaOAborto (AZAMBUJA; COELHO, 2016; GOLDSMAN, 2018), a representação de campanhas feministas em capas de revistas (PIZZINI, 2019), as narrativas pessoais como ação política através da #PrimeiroAssedio (NEVES, 2018), entre outros estudos que podem se encaixar no ‘feminismo de/por hashtag’.

De forma semelhante, a pauta racial é muito explorada. Baboni (2016) investiga os modos de uso e desejos da #seráqueéracismo. A hashtag #SomosTodosMacacos e suas variantes são exploradas por diversas perspectivas, como para compreender efeitos de sentido e formas-sujeito nos comentários e relatos que utilizam as hashtags (LIMA, 2017), para analisar o funcionamento discursivo (NETO, 2018), os percursos de sentido, sendo que várias das hashtags são ligadas a uma memória de racismo e à resistência. (PEREIRA, 2018) e identificar e discutir a construção textual e sociocognitiva do racismo (LIMA, 2019). Nascimento (2019), por sua vez, analisou a autobiografia do autor Lázaro Ramos sob o viés do letramento racial, buscando identificar como a escrita de si, tagueada com a #NaMinhaPele no Twitter, pode ter uma função conscientizadora e formativa nas identidades dos negros.

A nuvem de palavras abaixo contém todas as palavras-chaves dos trabalhos analisados e ajuda a ter um bom panorama dos assuntos abordados:

Imagem 1 - Nuvem de palavras com palavras-chave de todos os trabalhos analisados



Fonte: elaborado pelos autores



Abordagens Metodológicas

É interessante notar que os procedimentos metodológicos são bem variados. Um dos fatores que pode explicar essa multiplicidade são as diferentes áreas que abordam o tema. Contudo, para além disto, em diversos trabalhos há o uso de mais de um método e dispositivos analíticos. Alguns trabalhos não chegam a nomear qualquer método específico, apenas descrevendo o uso de pesquisas quantitativas e qualitativas, por exemplo.

Outro ponto importante é o uso de softwares e mineração de dados. Como a maioria dos trabalhos lida diretamente com dados de redes sociais, há a necessidade de realizar a extração de dados e realizar procedimentos de mineração, uma vez que o volume de dados que compõem o corpus costuma ser muito grande. O software mais utilizado nos trabalhos foi o Gephi, um software de código aberto e gratuito que é utilizado para visualização e análise de grafos. Os métodos de extração de dados variam e as principais plataformas utilizadas são o Twitter, Facebook e em menor expressividade o Instagram.

A Análise de Discurso e Análise de Conteúdo são as metodologias mais utilizadas, algumas vezes como método único ou combinadas com outros. Na maior parte, a Análise de Discurso é baseada na proposta de Michael Pêcheux, enquanto a Análise de Conteúdo segue a proposição de Lawrence Bardin. Outra metodologia predominante é a Cartografia das Controvérsias, proposta por Bruno Latour. Em menor quantidade, aparecem a Netnografia, Entrevistas semiestruturadas, Análise de Redes Sociais, entre outros.

Conceitos e autores utilizados

Mesmo com a multiplicidade de áreas, o referencial teórico-conceitual utilizado por muitas vezes se repete, se concentrando em autores como Castells, Lévy, Latour e os teóricos brasileiros Fábio Malini, Henrique Antoun, Raquel Recuero, André Lemos e Fernanda Bruno. Outros autores importantes que aparecem em menor frequência são Foucault, Bennett & Segerberg, Mouffe, Bourdieu, Braga, Hall, Jenkins, entre outros. O sociólogo espanhol Manuel Castells é muito citado pelas suas definições sobre a Era da Informação, Sociedade



em Rede e suas contribuições para compreender a cibercultura e o uso político da Internet. Pierre Lévy também contribui para o entendimento da cibercultura, auxiliando a pensar no que é virtual, inteligência coletiva e ciberdemocracia. Bruno Latour propõe a Teoria Ator-Rede, que é uma perspectiva teórico-metodológica que, em resumo, entende que os atores podem ser humanos ou não humanos, ligados por uma rede social de elementos materiais e imateriais, que podem ser analisados à luz da Cartografia das Controvérsias.

Os termos ativismo digital, ativismo online, ciberativismo e net-ativismo em diversos trabalhos são utilizados como sinônimos, apesar de conceitualmente existirem algumas diferenças. A forma de compreender as hashtags pode variar, mas no geral, os estudos entendem que a hashtag é um recurso que inicialmente foi criado com o objetivo de indexação, mas com o tempo ganhou novos significados e funções. Para Silva (2012) esse recurso tecnológico pode ser utilizado para criar classificações e movimentos sociais, marcar a identidade de um grupo, promover “guerras simbólicas” e medir a relação de *status* e poder no Twitter. A autora também exemplifica o uso das hashtags em movimentos sociais dando uma definição muito próxima de ativismo de hashtag, sem, contudo, utilizar o termo

Com o tempo, além do uso da marcação de uma temática, a hashtag passou a ser usada pelos nativos como forma de protesto em rede. As pessoas insatisfeitas com questões políticas, econômicas e culturais do local onde vivem, e até mesmo de âmbito global, passaram a criar ações coletivas e movimentos sociais por meio da “hashtag”. (SILVA, 2012, p. 32)

No trabalho de Fonseca (2017, p. 22), ele considera as hashtags como um “híbrido de ambiente e agente no qual e pelo qual ocorrem disputas entre processos táticos e estratégicos nas redes digitais”. Lima (2017) mostra como as hashtags são utilizadas em diversos contextos, com diversas finalidades e afirma que elas são um produto cultural consumido pela sociedade. “As hashtags estão onde há discurso” (LIMA, 2017, p. 35). Elas também podem ser entendidas como slogans com sua função perlocutória para a ação (NEVES, 2018), com uma grande capacidade de mobilização cultural, que podem funcionar como armas políticas (RAMOS, 2019).

As narrativas que são construídas no ambiente online também são muito exploradas. No trabalho de Nascimento (2019, p.10), por exemplo, a autora julga que “a narrativa possa



funcionar cumprindo uma função conscientizadora e formativa, no que se refere a(s) identidade(s) dos negros”. Gomes (2019) expõe que o efeito de exposições múltiplas causado pelas hashtags políticas pode contribuir para a expansão da narrativa, utilizando especialmente o conceito de narrativa transmídia de Jenkins (2012), além de contribuir para a construção de narrativas colaborativas (CALMON; CANCIAN; MALINI, 2012; CALMON; MALINI, 2013). Neves (2018) por sua vez utiliza a teoria para compreender as motivações que levam as vítimas de injustiças a se engajar em lutas coletivas, no caso analisado, com a hashtag #PrimeiroAssedio. Souza (2014) faz uma boa síntese da relação entre identidade, narrativa e os novos movimentos sociais na internet:

Nos movimentos sociais, uma das funções das narrativas é a criação de uma identidade coletiva. No novo ativismo, contudo, isso representa algumas peculiaridades. Uma delas é que a identidade coletiva pode ser algo efêmero, como quando se constrói em torno de uma hashtag no Twitter, que dura o mesmo que dura a ação (SOUZA, 2014, p. 45).

Principais conclusões analisadas

Da mesma forma que as áreas e objetivos são amplos, as conclusões dos estudos são diversas. Ainda assim, é possível realizar diversas inferências que podem guiar futuros estudos sobre o assunto. Silva (2017) traz muitas contribuições para entender o funcionamento das hashtags, pela perspectiva da Semântica da Enunciação. Segundo a autora, a hashtag pode ser definida como “a condensação de um histórico de enunciações socialmente pertinentes, capaz de expor marcas de referenciais que lhe são constitutivos, ou seja, muito além de indicar um sentido pontual, a hashtag nomeia um conjunto de enunciações de determinado assunto.” (SILVA, 2017, p. 213). Já pela perspectiva antropológica, Silva (2012) aponta que as hashtags são construções coletivas e em rede online, sendo elas um nó social importante para pensar a cultura contemporânea. Elas devem ser pensadas como dramas sociais reveladores das práticas e da cultura dos cidadãos da internet.

A questão da narrativa e como ela é construída por meio das hashtags dos movimentos é o tópico mais recorrente nas conclusões. Há a construção de micronarrativas, de comunidades formadas por perfis menores, que apresentavam forte conectividade e troca de



informações. Geralmente esses perfis menores possuem alta carga emocional e afetiva, além de estabelecer uma rede de solidariedade e mobilização (ANDRADE; 2016).

Ainda falando de narrativas, os contrastes entre a mídia tradicional e os movimentos em rede também chamam a atenção, especialmente pela construção transmídia. Souza (2014) fala que com as novas tecnologias, a população foi capaz de tomar as rédeas dos relatos de protestos, que antes eram moldados principalmente pela grande mídia. Assim, nasce uma nova linguagem narrativa: a que a multidão produz e reproduz. Gomes (2019), ao analisar o potencial de mediação de hashtags sociopolíticas na conformação de uma dinâmica transmídia, entende que as hashtags “podem ser recursos fundamentais para a costura e expansão de narrativas afins, sendo um elemento medular na representação de posicionamentos sociopolíticos no ambiente digital e nas ruas” (GOMES, 2019, p. 250). Outra contribuição importante foi observar como o algoritmo e a própria arquitetura das redes influenciam a produção de significados, ocupando o lugar lógico do interpretante dinâmico.

Acrescentando-se a como as narrativas são construídas, a identidade e o pessoal também são colocados em pauta. Neves (2018) mostra que na atualidade, as narrativas pessoais se tornam ação política, como é o caso da #PrimeiroAssedio. A Teoria do Reconhecimento ajuda a compreender como o sofrimento individual e a exposição deste no espaço público pode impulsionar lutas coletivas. Sob esta perspectiva, o engajamento em movimentos é motivado pela autorrealização e ações individualizadas. Assim, a hashtag #PrimeiroAssedio é uma ação conectiva, mais que uma ação coletiva. Ela serve para unir diversas vozes, em uma nova política do sofrimento: a “compaixão conectada”. A autora ainda alerta que a politização da esfera íntima pode levar a despolitização da esfera pública, sendo necessário aprofundamentos nesta direção.

Os movimentos em rede, no entanto, não ocorrem sem que haja contradições. Ramos (2019), analisando eventos políticos que eram pautados por hashtags, chegou à conclusão de que as hashtags “são um caminho pelo qual as controvérsias agregam pessoas com interesses comuns, concatenam narrativas e criam um cenário de visibilidade de informações que pode ser estrategicamente manipulado” (RAMOS, 2019, p. 81). Mas para além disso, foi possível perceber que o público se engaja facilmente em narrativas que lhe são comuns, para participar de um movimento maior, mas dificilmente há um processo deliberativo coerente. Chegando a



uma conclusão semelhante, Ribeiro (2019), ao analisar diversas hashtags de cunho feminista, identificou que nas campanhas estudadas, as dinâmicas apontaram para uma solidificação da crença de cada usuário. Há uma possibilidade de reflexão pela amplitude das campanhas, mas não há como afirmar que isto ocorre. Segundo a autora, as redes sociais podem fomentar mudanças na prática cotidiana, mas são apenas um complemento.

Assim, problematizando a noção da Internet e das hashtags promoverem o debate público, Damasco Neto (2018) busca compreender o funcionamento discursivo do Twitter, apontando que, de maneira geral, as hashtags levam a um processo de alienação, pela perspectiva marxista. Para ele, os Trending Topics são um exemplo da materialização do funcionamento alienante, uma vez que um assunto ser considerado mais importante que outro depende do algoritmo, não de um sujeito específico. Ao analisar a hashtag #somostodosmacacos, o autor aponta que o sujeito pode fazer parte do “assunto do momento” e assim cai na ilusão de utilizar este espaço discursivo como “tópica cívica”, como uma forma de ser visto. Ele ainda ressalta que “funcionamento das hashtags, de maneira geral, tende à repetição e à homogeneidade, uma vez que o efeito de visibilidade e de legitimação, que tem relação com a quantificação do mesmo, é o que predomina.” (DAMASCO NETO, 2018, p, 177).

Considerações Finais

Após a análise de diversos materiais, fica claro como os estudos convergem em diversos aspectos, ainda que com tantas áreas, metodologias e conceitos diferentes. Mesmo sem o estudo sistematizado do que seria o “ativismo de/por hashtag”, os pontos de conexão demonstram o quanto há para ser explorado e analisado sobre o tema. Como Silva (2012) bem pontua, as hashtags devem ser vistas como nós, dramas sociais, que revelam mais sobre o cidadão da cibercultura e auxiliam na compreensão de como as relações se organizam nesta realidade cada vez mais conectada.

Uma primeira percepção é sobre a própria natureza das hashtags. Se inicialmente ela foi criada com o simples propósito de ser um indexador, com o tempo novas atribuições foram sendo incumbidas a ela. A hashtag assume diversas funções e consegue revelar diversos



aspectos da contemporaneidade por ser um recurso híbrido: por um lado, se forma pela palavra, enunciação e discurso. Por outro, seu poder de se tornar um *hiperlink* que conecta várias pessoas, discursos e informações faz com que seja possível observar a interatividade das redes e os padrões que se formam nelas. Nas hashtags ocorrem disputas de sentido e além disso, elas expõem táticas das ideologias dominantes (FONSECA, 2017; PEREIRA, 2018).

Dessa forma, tantos movimentos recorrem ao uso de hashtags como recurso estratégico não é mera coincidência ou modismo. Contudo, esse processo não ocorre sem estar envolto por diversas controvérsias. As hashtags nas mídias digitais conseguem conectar pessoas com ideias semelhantes e dar força a diversas pautas. Por um lado, isso é importante especialmente para movimentos minoritários, que pela Internet conseguem encontrar um espaço que nunca ganharam na grande mídia e assim conseguem articular com mais pessoas e aumentar sua visibilidade. Por outro, a maior visibilidade não necessariamente aumenta a deliberação sobre pautas importantes, como aponta Ribeiro (2019). Esse comportamento na verdade pode aumentar extremismos, uma vez que as pessoas estão prontas para se associarem a ideias pré-concebidas, mas não para uma discussão que leve a mudança de opinião, consenso ou até mesmo a discordância cordial. Isso também ajuda a entender por que as identidades individuais são tão importantes para os movimentos ciberativistas, uma vez que as pessoas se envolvem com o coletivo para reforçar uma crença pessoal, na grande maioria das vezes. A solidariedade e o afeto existem apenas para o igual.

Outro aspecto que não pode ser ignorado é a relação dos movimentos ciberativistas com a construção de narrativas. Diversos trabalhos mostraram como as hashtags ora podem desafiar a narrativa da mídia tradicional (SOUZA, 2014; ANDRADE, 2016; ALZAMORA; BICALHO, 2020) ora são utilizadas para expandir narrativas que germinam no meio da população (RIBEIRO 2019; GOMES, 2019;) ou ainda dão novos significados e extensões a narrativas que já circulam (MEDEIROS, 2016; OLIVEIRA, 2018; GOMES, 2019).

Em conclusão, revisar a produção acadêmica brasileira sobre o tema se mostrou extremamente positivo e apontou para diversos aspectos que carecem de maior aprofundamento. Ainda que a Internet dê voz a mais pessoas, é necessário compreender de quais formas há a participação democrática e quando há a ilusão de participar e deliberar, sendo um meio de alienação e até mesmo de aumento de extremismos. Além disso, a



construção de narrativas, bem como de identidades pessoais e discursos nos movimentos conectados pelas mídias digitais são temáticas que podem direcionar futuras pesquisas que vão auxiliar a compreender as crises da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Priscilla Calmon de. **Atenção em Rede no #ProtestoRJ: perspectivas e fluxos de conversação no Twitter**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

AZAMBUJA, Patrícia; COELHO, Ana Paula Pereira. **Hashtag controvérsias: ações, vínculos temporários e ativismo feminista em rede sociotécnica**. Revista GEMInIS, v. 7, n. 1, p. 27-53, 2016.

BABONI, Renata. **Entre experiências e diferenças nas mídias digitais: modos de uso e desejos-hashtag na #SeráQueÉRacismo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2016.

BÜLOW, Marisa Von; DIAS, Tayrine. **O ativismo de hashtags contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 120, p. 5-32, 2019.

CALMON, Priscilla; MALINI, Fabio. **As redes emergentes do Wikileaks: o estudo de estatísticas aplicadas ao Gephi**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Bauru, 2013.

CALMON, Priscilla; CANCIAN, Allan; MALINI, Fabio. **#Wikileaks: da publicação de documentos confidenciais à emergência da rede colaborativa no Twitter**. Intercom Júnior – Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação. Fortaleza, 2012.

CANCIAN, Allan; MALINI, Fabio. **Twitter, #12M e o papel dos hubs nos protestos na Espanha**. Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação. Fortaleza, 2012.

CASTELLS, MANUEL. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CORDEIRO, Alexander Magno Et Al. **Revisão sistemática: uma revisão narrativa**. 2007.

DAMASCO NETO, José Roque. **Análise do funcionamento discursivo de hashtags no Twitter: o caso das hashtags #somostodosmacacos e #microcontos**. Tese (Doutora) – Universidade do Sul de Santa Catarina, 2018.



FONSECA, Bruno Henrique Barros. **ORDEM E PROTESTO:** Publicações sobre manifestações e ação policial no #vempruarua do Instagram. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal De Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

GOLDSMAN, Marta Florencia. # LibertadParaBelen: Twitter y el debate sobre aborto en la Argentina. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018.

GOMES, Luciana Andrade. **A função mediadora das hashtags no processo de impeachment de Dilma Rousseff:** semiose e transmídia. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.

LIMA, Marcos André Queiroz de. **Hashtags de cunho racista:** efeitos de sentido e formas-sujeito em comentários e relatos em redes sociais. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2017.

LIMA, Rafahel Jean Parintins et al. **A construção textual e sociocognitiva do racismo nos (des) alinhamentos à hashtag# SomosTodosMacacos.** Dissertação (Mestrado) – Unicamp. Campinas, 2019.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua:** ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.

MEDEIROS, Jean Maicon Rickes. **UM OUTRO JUNHO:** O movimento #NaoVaiTerCopa, o diálogo no Twitter e as controvérsias sobre a Copa do Mundo de 2014. Dissertação (Mestrado) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 2016.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino et al. **Protestos como “Acontecimentos”:** as lutas simbólicas nas manifestações de 2013 no Brasil e na Turquia. Revista de Sociologia e Política, v. 27, n. 69, 2019.

NASCIMENTO, Noêmia de Lourdes. **Na minha pele:** uma análise sob a perspectiva do letramento racial. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei, 2019.

NETO, José Roque Damasco. **Análise do funcionamento discursivo de hashtags no twitter:** o caso das hashtags# somostodosmacacos e# microcontos!. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, 2018.

NEVES, Gláucia Salvador. **Narrativas pessoais como ação política nas redes sociais:** o caso hashtag #PrimeiroAssédio. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, Nathalia Bettoni. **Mediatização E Espetacularização Do Processo De Impeachment Da Ex Presidente Dilma Rousseff:** a circulação da hashtag #ImpeachmentDay. Dissertação (Mestrado) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte, 2017.



PAGEL, Geovana Cleni. **Redes feministas:** movimentos de mulheres no século XXI a partir de suas insurgências nas redes sociais. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2020.

PEREIRA, Deborah Danny da Silva. **Funcionamento discursivo das hashtags:** um olhar para a# somostodos. . Dissertação (Mestrado) – Universidade de Campinas. Campinas, 2018.

PIZZINI, Karina Da Cunha. **Hashtag na capa:** representações da agenda feminista nas revistas Claudia e Marie Claire (2010-2017). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

RAMOS, Rangel. **Batalha de hashtags:** uma proposta metodológica para monitoramento de controvérsias políticas no Twitter. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

RIBEIRO, Luciana Aparecida Carlos. **#Empodere:** enfrentamento feminista com o uso de hashtags no cotidiano online. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa.** Acta paulista de enfermagem, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SILVA, Raquel. 2012. **Twitter e ciberativismo.** O movimento social da hashtag “#ForaMicarla” em Natal-RN. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.

SOUZA, Paula Falcão De. **A Genealogia das Lutas Multitudinárias em Rede.** O #vempruarua no Brasil. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

VALENTE, Mariana; NERIS, Natália. **Elas vão feminizar a internet?** O papel e o impacto do ativismo online para os feminismos no Brasil. Sur: Revista Internacional de Direitos Humanos, v. 15, n. 27, 2018.

VOSGERAU, Dilmeire Sant’anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Estudos de revisão:** implicações conceituais e metodológicas. Revista diálogo educacional, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.

YANG, Guobin. **Narrative agency in hashtag activism:** The case of# BlackLivesMatter. Media and communication, v. 4, n. 4, p. 13, 2016.